

Entrevista

Entrevista com Zezito de Araújo

“História do Movimento Negro Brasileiro em perspectiva:
o que significa Palmares”?

Túlio Henrique Pereira

Resumo

O Quilombo dos Palmares está localizado no município União dos Palmares, em Alagoas. No passado, a região pertencia à capitania de Pernambuco. A Zona da Mata constitui um sertão imaginado que atravessa temporalidades e a memória coletiva de nordestinos que protagonizaram a luta pela terra e a liberdade de seus corpos e mentes. Zezito de Araújo é o intelectual negro entrevistado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em História Afrodiaspórica (GEPAFRO). Ele é referência na pesquisa sobre o Quilombo dos Palmares.

Palavras-chave: Movimento Negro; História; Gepafro.

Interview with Zezito de Araújo

“History of the Brazilian Black Movement in perspective: what
does Palmares mean”?

Abstract

The Quilombo dos Palmares is located in the municipality of União dos Palmares, in Alagoas. In the past, the region belonged to the captaincy of Pernambuco. The Zona da Mata is an imagined hinterland that crosses temporalities and the collective memory of northeasterners who led the struggle for land and the freedom of their bodies and

minds. Zezito Araújo is the black intellectual interviewed by the (GEPAFRO). He is a reference in research on the Quilombo dos Palmares.

Keywords: Black Movement; History; Gepafro.

Texto integral

“História do Movimento Negro Brasileiro em perspectiva: o que significa Palmares”?

O Quilombo dos Palmares está localizado no município União dos Palmares, em Alagoas. No passado, a região pertencia à capitania de Pernambuco. Embora não esteja no Sertão, a zona da Mata constitui um sertão imaginado que atravessa temporalidades e a memória coletiva de nordestinos que protagonizaram a luta pela terra e a liberdade de seus corpos e mentes cerceados pelo escravagismo do século XV ao XIX, no Brasil. No mês de novembro do ano de 2023, foi realizado o IV Congresso de Pesquisadores/as Negros/as, o COPENE Nordeste. Na ocasião, eu, professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), juntamente com o estudante da graduação em História, João Pedro da Silva Teles, embarcamos para Alagoas para participarmos do evento COPENE e realizarmos entrevistas com personalidades importantes para a compreensão do pensamento e da história negra do país.

A programação de atividades faz parte das ações do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Afrodiaspórica – GEPAFRO, do qual sou líder. Pretendíamos naquele contexto dar maior visibilidade aos pesquisadores, intelectuais, artistas e forças políticas nacionais. Na ocasião me encarreguei da criação das pautas, seleção dos nomes a serem entrevistados, agendamentos e, por fim, da realização das entrevistas. O graduando e membro do GEPAFRO, à época, João Pedro da Silva Teles, se responsabilizou por todo o trabalho pesado de captação de áudio, vídeo e iluminação. Posteriormente, João Pedro Teles também se voltou para a edição de vídeo e sincronização do áudio indireto.

Ao todo, entrevistamos três pesquisadores do sexo masculino, sendo o primeiro, o professor, Zezito Araújo, o segundo, o antropólogo brasileiro-congolês, Kabengele Munanga e, o terceiro, Adilson Pereira dos Santos, professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

O professor Zezito de Araújo é um dos nomes mais conhecidos quando nos voltamos à pesquisa histórico-documental sobre o Quilombo dos Palmares. Ele é professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas, professor do ensino básico e coordenador pedagógico de centros privados de educação de nível superior, em Alagoas.

1 - Túlio Henrique Pereira: Boa tarde a todos vocês, eu sou o professor Túlio Henrique Pereira, líder do GEPAFRO – Grupo de Estudos e Pesquisa em História Afrodiaspórica, da Universidade Regional do Cariri, a URCA, e estou hoje com ninguém menos que Zezito de Araújo. Historiador pela Universidade Federal de Alagoas e um grande nome da pesquisa em História Afro-brasileira e da História Social do negro, principalmente no Brasil. Professor Zezito, são 135 anos de abolição no Brasil, nós estamos com uma edição especial no 4º COPENE Nordeste. O que Palmares significa para o Brasil a partir da sua perspectiva?

Zezito Araújo: Boa tarde, Túlio Henrique! Eu acredito piamente que Palmares representa o que se tem de [longa duração] para se pensar a formação da sociedade brasileira. Eu neste momento, tenho estudado muitos documentos acerca do quilombo dos Palmares, e tenho percebido que a compreensão de Palmares tem sido considerada apenas da perspectiva escravizados versus senhores do engenho, mas à medida que faço reflexões sobre o que os colonizadores escreveram acerca de Palmares, a dimensão histórica de Palmares vai além dessa dualidade que se tem: senhores de engenhos x escravizados. E por

qual razão digo isso? Em Palmares, nós temos a base de uma formação social brasileira diferente daquela impressa na obra de Gilberto Freyre [*Casa-grande & Senzala*].

Esse olhar que nós temos acerca de Palmares tem como base mudanças nas epistemologias históricas e sociológicas. Palmares também nos traz experiências nunca exploradas pela literatura e pela historiografia brasileira. A capacidade diplomática que os palmarinos tiveram com a Coroa portuguesa não é explorada. Se você pegar o documento de 1678, quando Ganga Zumba faz uma representação do Estado, este é palmarino. E naquele contexto a proposta documental era para estabelecer um diálogo armistício de paz com o estado colonial português, e não se explora essa perspectiva histórica. Mas eu vejo uma outra coisa da importância de Palmares, aliás, duas. A primeira para nós, negros: nós percebemos Palmares enquanto o passado do início do século XX ou senão como um Movimento Negro Unificado.

Eu não quero desconsiderar esses movimentos, eu quero dizer para os negros e negras brasileiros e brasileiras que, se nós pensarmos em movimento negro, e se nós queremos dar a Palmares um significado genuíno, é preciso considerar uma organização de movimento a partir do ano 1547, com Aquatune. Estão lá os documentos registrando isso, se você não considerar Palmares a base da formação do Movimento Negro brasileiro não sei o que é mais o Movimento Negro. Com isso eu quero dizer que temos que tirar Palmares do passado, trazê-lo para o presente e começar a pensar a sociedade brasileira e a organização do Movimento Negro a partir dos ideais palmarinos.

E quais eram esses ideais palmarinos? O primeiro que fez com que homens e mulheres organizassem o Quilombo dos Palmares na região da Serra da Barriga, foi o ideal de liberdade. E como nós negros e negras estamos trabalhando esse ideal de liberdade? E esse ideal de liberdade, ele chegou ao extremo e ao radicalismo de Zumbi, que ele rompeu com o próprio Ganga Zumba. Porque Ganga Zumba, mesmo diante de todo o percalço de avanço que ele teve que lidar

com os portugueses, ele tentou negociar com a Coroa portuguesa, mas Zumbi não aceitou. Ele foi ao extremo ao pensar o ideal de liberdade que rompeu com o Estado português. E que lição nós temos desses ideais de liberdades palmarinos que se incorporou no grande líder Zumbi dos Palmares, em Dandara e Akotirene. Por isso que eu vejo a importância de Palmares, mas tem um outro que as pessoas também não querem tocar.

O que levou a destruição de Palmares, você encontra em qualquer documento de época e isso é fundamental para nós brasileiros e brasileiras que discutimos a formação da sociedade brasileira, foi a terra. Todas as falas dos sesmeiros na época, levantavam a questão dizendo o seguinte: os palmarinos – e nós temos a nossa palavra -, eles diziam que nunca houve em Palmares negros fujões. Em Palmares houve homens e mulheres que buscavam liberdade, não estavam fugindo de nada, estavam buscando liberdade. É esse o outro olhar que nós temos que ter. Então, os sesmeiros sempre discutiam quem ficaria com as terras quando eles assassinassem os palmarinos, e uma das condições impostas por Domingos Jorge Velho, por Bernardo Vieira de Melo e por Sebastião Dias – foram esses três comandantes ou genocidas -, que assassinaram os quilombolas, eles queriam nada mais do que as terras para os sesmeiros e eles próprios ocuparem. E a gente não está discutindo isso.

Quando eu vejo o COPENE, e essa edição do IV COPENE tendo focado nisso, crescemos. Pois essa é a grandeza desse evento, ter trazido essa reflexão a partir dos domas,¹ que são aquelas pessoas mais experientes, os percussores a iniciarem esse movimento a partir de 1980 aqui em Alagoas.

¹ Domas, griot, dieli corresponde a uma pessoa ou grupo de pessoas a representarem a ancestralidade detentora do dom da oralidade e dos conhecimentos sobre a cultura e o patrimônio histórico-cultural de um grupo. No primeiro volume da coleção *História Geral da África*, o escritor malinês, Amadou Hambatê Bá, apresenta a importância da tradição oral enquanto um caminho para conhecer a história e o espírito dos povos africanos como presente na cultura bambara, a partir do mito sobre a Criação. Nesta entrevista, Zezito considera Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, e seus contemporâneos como sendo domas.

Nós começamos a pensar esse Palmares ou Quilombo dos Palmares a partir dessas experiências, que novamente convergiam para Alagoas, vários segmentos do Movimento Negro na década de 1980 começou a ressignificar Palmares, como agora. O COPENE está fazendo com que Palmares não fique no passado, está trazendo inclusive nas reflexões que estão acontecendo, nas mesas e debates. E nos debates científicos que estão sendo apresentados tem Palmares como o objeto de reflexão, então por isso eu acho fundamental, importante esse momento de pensarmos Palmares a partir desses olhares ou dessas narrativas.

2- Professor Zezito, eu estive na abertura do evento em que o senhor fez uma apresentação memorialística. E essa apresentação ocorreu em torno de todas aquelas personalidades que fizeram parte do que nós chamamos de peregrinações históricas a Palmares, pessoas que dificilmente são o conteúdo temático dos estudos que nós estamos apresentando aos nossos alunos na Universidade e muito menos no Ensino Fundamental. Trazer Palmares para o centro do debate é também desvincular um pouco dessa perspectiva ideológica do Movimento Negro que se articula, às vezes, muito baseado nessa orientação estrangeira? Esses nomes de brasileiros apagados pela historiografia, que dimensão pública e discussão, essas peregrinações e esses nomes devem ter dentro do Brasil, para além dos limites territoriais de Alagoas?

Zezito Araújo: Olha foi fundamental essa experiência que nós fizemos. Inclusive a nossa espiritualidade fez com que aquilo tudo acontecesse. Nós tínhamos um formato de apresentação, uma metodologia de trabalho, e quando nós nos deparamos com Carlos Alves Moura, com o professor Kabengele Munanga, com o Carlão do Maranhão, com a Wanda Chase, Dulce Ferreira, Lepê Correia que chegou posteriormente... nós mudamos!

Por que nós mudamos? Primeiro, isso como você falou, essa experiência de dar visibilidade a essas personagens que iniciaram todo um trabalho de revisão histórica aqui em Alagoas, nós já fizemos aqui em Alagoas, através da Secretaria de Educação, lugar em que sou técnico pedagógico da Secretaria de Educação, e trabalho com formação de professores e professoras da rede pública, e falando com os estudantes, principalmente do Ensino Médio.

Eu escrevi um livro *Quilombo dos Palmares: negociações e conflitos* com uma linguagem voltada para esses estudantes, e nós temos permanentes discussões acerca disso, e nós levamos a esses estudantes, a esses professores todos esses personagens, e nós percebemos como o diálogo se torna fluido. Como esse diálogo se torna parte da História, não daquela História do passado, mas da História Social presente naqueles estudantes e naqueles professores. Os depoimentos que eles dão, sabe, me deixam realmente – eu não vou dizer encantado e nem de entusiasmo, mas acreditando, que há possibilidades de mudanças.

3- Professor, são 135 anos de abolição, nós trazemos Palmares com uma perspectiva ideológica, mas também territorial, e aí nós estamos diante de um Brasil, e diante de uma população brasileira que ainda nega a terra aos quilombolas. Ainda há um conflito de terra, como é que o senhor entende isso? Como nós poderíamos capilarizar essa concepção da territorialidade dentro da luta antirracista?

Zequito Araújo: Olha, primeiro nós teremos que ser honestos conosco mesmo. Eu não acredito muito nesse estado brasileiro racista, preconceituoso que deu uma abolição para os grandes latifundiários não ter responsabilidade com a população negra. É tanto que ele [Estado Nacional] criou a Lei da Terra em 1850. Então esse estado conduziu tudo para deixar a terra para os grandes latifundiários e àqueles que detêm o poder político e econômico. A medida em que ele certifica essas terras e dá a titulação

dessas terras, que há muito mais terra certificada do que titulada – porque titulada implica à população quilombola adquirir aquela terra enquanto um bem coletivo.

Eu vejo que o resultado disso está em que o processo de titulação não avança, porque há o propósito de não avançar. Quem é que está iniciando o processo de titulação? Esse próprio Estado através do INCRA. No INCRA você até pode ter funcionários que tenham uma visão progressista, que estejam a favor de nossa luta, mas os entraves burocráticos impedem que isso se faça. Veja, vou dar um exemplo clássico, o INCRA ele recebe uma notificação da comunidade para iniciar o processo de titulação, porém quem vai sofrer as consequências da opressão dos grandes latifundiários, e do próprio Estado que não permite que aquela terra seja titulada, é a liderança quilombola que recebe toda a pressão, tanto do Estado quanto dos latifundistas. Essas ações expõem a vida desses quilombolas. Então o que é que eles fazem? Eles recuam, não querem que a terra, principalmente na nossa região Nordeste, seja titulada. Porque se o processo iniciar, eles estão sujeitos a serem assassinados, como no caso que tivemos com a Bernadete lá na Bahia.

O que eu quero dizer, se a liderança solicita o processo de titulação, é a Polícia Federal que deve estar a frente desse processo, porque é uma área federal de responsabilidade do INCRA. Não se deve deixar a população quilombola exposta a todo esse tipo de agressão além da que ela sofre secularmente. Então eu acredito que nesse 13 de maio, esse processo de titulação, ele terá que ser revisado.

4- Professor, nós estamos em novembro, geralmente as ações voltadas para a luta antirracista ou para consciência negra se concentram nessa data. O senhor acredita que a luta antirracista no Brasil, pensando no Ensino Médio e no Superior, ela tem valorizado os griots, os domas, ela tem valorizado essas personalidades que carregam essa memória e essa importância histórica daqueles que vieram antes?

Zezito Araújo: Não. Nós não temos tradição essa tradição africana. Essa tradição de algumas culturas africanas nós só percebemos nos templos religiosos. Mas nas práticas sociais nós não temos. É tanto que você vê na nossa abertura, quando as pessoas perceberam aqueles personagens, Beatriz Nascimento, Lélia González, Hamilton Cardoso, Clóvis Moura, tantos outros que nós apresentamos lá, muitos jovens desconheciam totalmente aquela História. E olhe que são pessoas que têm uma produção acadêmica conhecida no exterior, e mesmo no meio universitário não chega. Um meio em que a gente está pensando, estudando esses pensadores negros e negras. No Ensino Fundamental é que não chega mesmo.

Então eu acredito que a luta ou a educação antirracista ela, num primeiro momento não é você ter o branco ou a prática da branquitude nos livros didáticos ou na proposta, é nós revermos as nossas práticas enquanto negros também para enxergarmos esse acervo desses que estão, que já foram, que estão no outro plano e nos deixaram, e aqueles que estão vivos, como o professor Kabengele Munanga, como o professor Carlos Alves Moura, como Carlão. Como a Mundinha lá no Maranhão, como Januário que já foi embora. Essas pessoas que estão vivas e aqueles que já foram, não foram ainda estudadas, não são convidadas. Esses griots, esses domas contribuíram para a luta antirracista. Luta e educação antirracista passa por isso. Porque, às vezes, damos foco a aspectos muito distantes e as questões básicas estão em nós.

Qual a valorização que eu dou a pessoa mais idosa que tem o conhecimento no meu bairro? Eu como educador, por exemplo, eu sou professor do Ensino Médio. Quando eu vou fazer formação nas escolas a primeira pergunta que eu faço à diretora da escola – se for nas comunidades negras brasileiras -, vocês costumam trazer as lideranças mais idosas para a escola?

5- Professor, eu vou fazer uma pergunta mais profunda. Eu queria que o senhor definisse a diferença entre griots e domas. Essa compreensão da ancestralidade, ela seria uma das ferramentas principais de luta antirracista,

de formação, de letramento racial, ou quais seriam outras sugestões, quais outros caminhos?

ZeZito Araújo: Primeiro de tudo, o griot é aquela memória coletiva, viva, que transmitia e transmite os conhecimentos de forma lúdica, da poesia, dos cantos, da viola, mas sempre é um grupo seletivo de qualquer civilização africana, nem todas as civilizações, porque às vezes a gente quer generalizar.

O continente africano tem várias civilizações, muitas delas tinham esse personagem que era o griot, é aquilo que você tem nas narrativas de feiras nesses encontros. Já o domas era muito mais um grupo de pessoas seletas que transmitia muito mais o conhecimento das cortes, alguns conhecimentos tecnológicos, muito mais da classe dirigente, em outras palavras. Então há essa diferença em algumas civilizações africanas. Você vê muito mais a presença do griot em quase todos os territórios africanos, porque eles estavam cantando, inclusive em algumas imagens ele aparece sempre com a viola. Não sei se deu para entender essa diferença.

E quando você pergunta se as formas de conhecimento através dessa geração de griots, ou se tem outras além dela para combater o racismo, olha, veja bem, nós precisamos criar métodos ou incluir métodos de valores e das civilizações africanas no nosso processo de ensino e aprendizado, principalmente de letramento.

E quando eu falo de letramento, eu não quero falar só do letramento racial, eu quero falar do letramento e da alfabetização. São duas coisas que a criança inicia, não é? E que a África deve estar presente aí, alguns modelos educacionais africanos. E isso acontece, por exemplo, quando você vai para uma creche no Brasil, em muitas regiões, ou quando você vai para o jardim infantil, eu não sei se você percebe, ou aqueles que estão nos assistindo percebem.

6- O senhor está falando de estrutura, de currículo?

Zezip Araújo: De estrutura. De [currículo] não. Eu quero falar só da estrutura para você perceber como é a estrutura física das escolas. São circulares para a creche e para o infantil. As crianças ficam em círculo.

Agora, a questão do conteúdo, isso que você perguntou, a questão dos valores civilizatórios não é africana, são os valores de outras civilizações que as crianças iniciam o processo de letramento e de alfabetização. Mas o formato da estrutura daquele espaço é circular. O que falta é colocar nesse ambiente circular os conteúdos de valorização daquela comunidade. Então, pelo menos essa iniciação nós já temos no espaço.

Quando você vai para o primeiro ano da Educação Infantil, você já fica naquela sala de aula retangular, com uma criança olhando uma a nuca da outra. Então, esse modelo, ele começa a voltar para o modelo jesuítico, medieval, e que começa toda essa reprodução eurocêntrica ocidental. E então, o que podemos fazer para mudar? Possibilidade há, mas essa possibilidade também tem que passar para além da questão do conteúdo, pois conteúdo nós temos, muita produção para a educação infantil, para a creche, para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, nós temos elementos de produção. Inclusive como o meu próprio livro, tem tantos livros que são acessíveis aos estudantes.

Agora, precisa investir na formação desses professores. Eu faço até uma crítica à lei 10.639/2003. Qual é essa crítica que eu falo? O governo, ele cria vários programas para atender a educação básica brasileira. Todos esses programas são financiados. Ele criou a lei 10.639, mas não teve o aporte financeiro para isso. Não teve.

7- O aporte financeiro inclusive para a formação dos disseminadores.

Zezip Araújo: Você teve um aporte financeiro para determinadas editoras produzirem livros, mas essas editoras já estavam vinculadas a todo o processo do PNLD, o Plano Nacional do Livro Didático. Tanto que elas fizeram cópia. E muitos livros

precisaram ser realizados por nós, professores, porque eram fatos, imagens distorcidas do texto. Para atender a demanda comercial, eles começaram a fazer isso. Mas o próprio Movimento Negro, principalmente os negros e as negras da academia, começaram a fazer crítica a isso. Quer dizer, esse aporte financeiro foi muito mais para atender essas editoras, mas nós estávamos falando de um aporte financeiro principalmente para essa formação desses professores, desses multiplicadores.

Então, houve uma falha. Eu acho que é a tempo de nós recuperarmos, porque não basta só a lei. Você terá que ter esses aportes.

8- Professor, qual a importância da contribuição de Alagoas para o Movimento Negro brasileiro?

ZeZito Araújo: Às vezes as pessoas dizem que eu sou bairrista, e eu quero até ser bairrista nesse sentido, porque, quando eu digo, quando você me faz essa pergunta, porque dois fatos, para mim, foram um divisor de água da história do Movimento Negro brasileiro. Primeiro, em 1597, quando Aqualtune organizou o Clube dos Palmares aqui. Nós não podemos negar esse fato histórico, e nós teremos que explorar e fazer reflexões, e criar teorias a partir disso. Epistemologias negras a partir de Palmares. Vamos pensar a sociedade contemporânea, aliás, a sociedade colonial, fora desse olhar da Casa-grande & senzala.

Palmares é um exemplo disso, gente. A gente não explora. Quem ocupou, quem foi que ocupou os territórios para edificar a Casa Grande e a Senzala? Foram esses escravizados, e a gente não toma isso como experiência. Então, para mim, esse foi um marco importante de Alagoas. Mesmo pertencente, na época, à capitania de Pernambuco. Um outro momento, e essa aí não é minha fala. Eu pensei que essa fala que eu fazia na época era uma fala muito isolada. E, nesse encontro nosso da abertura, eu vi que é uma fala coletiva de muitos companheiros negros negras, quando eles dizem que o fato que aconteceu em 1980, que quando vieram muitos negros e negras de todo

o Brasil, instituições, para repensar Palmares, pessoas que divergiam das militâncias do Movimento Negro, mas perceberam em Palmares esse elemento convergente.

Eu acho que foram marcantes para a história do Movimento Negro no Brasil. É tanto que o IV COPENE trouxe isso, e há essa convergência também. Então, para mim, Alagoas, nessa perspectiva para o Movimento Negro, ela se torna importante, primeiro, pelo Movimento Negro começar aqui em Alagoas, a partir de 1597, e, segundo, por esse ressignificado do Movimento Negro brasileiro contemporâneo, a partir da década de 1980. Inclusive, nós tivemos dois fatos nessas duas datas.

Quando Aqualtune chegou aqui em 1597, ela organizou o Quilombo dos Palmares. É uma instituição que foi além da Serra da Barriga. E aqui, em 1980, o Movimento Negro criou o quê? O Conselho Geral do Memorial Zumbi. O que foi que resultou no Conselho Geral do Memorial Zumbi? Eu estou dizendo isso porque eu fui uma das pessoas que participou disso. Nós tombamos a Serra da Barriga. Nós realizamos os estudos para o tombamento da Serra da Barriga e entregamos, não só ao Movimento Negro brasileiro, nós entregamos à sociedade brasileira e que, por sua vez, tornou Zumbi dos Palmares o segundo herói nacional escrito no livro de tombo. Isso foi resultado concreto de tudo o que aconteceu em Alagoas, no Memorial Zumbi. Então, quando nós estamos falando disso, não é bairrismo. Estamos falando de fatos históricos reais feitos por nós, negros e negras.

9- Professor, ainda durante a sua fala, o senhor apresentou a importância da atuação do Sudeste quase que como reivindicador de um protagonismo do Movimento Negro brasileiro. Como o senhor faz essa leitura? Como o senhor poderia sintetizar um pouco daquilo que o senhor nos apresentou?

ZeZito Araújo: Olha, primeiro eu fico até um pouco emocionado porque foi minha vida ali. Toda a minha trajetória enquanto pessoa humana estava ali. Toda a minha trajetória enquanto academia estava ali. Porque do professor Joel Rufino dos Santos ao professor Clóvis Moura, Décio Freitas, Lélia González, Beatriz Nascimento, a Mãe Hilda,

o Aguinello, enfim. Eles foram a base do meu aprendizado e foi a minha descoberta enquanto negro e negra.

Então, eu procurei, juntamente com aqueles companheiros que estavam ali, fazer uma retrospectiva real, sabe! E algo que surpreendeu a todos nós, como a história deixou de ser uma história única. Você percebeu? Acho que a riqueza daqueles depoimentos, tinham suas individualidades, mas coletiva, porque aquelas histórias foram o resultado de um coletivo, mas estava na memória individual de cada um. Mas, no momento que nós começamos, a partir das imagens, fazer as nossas narrativas, elas novamente se tornaram coletivas e chegaram àquela juventude que ali estava. Então, isso mexeu muito com todos nós que estávamos ali na mesa. A nossa querida Helena Teodoro, porque, veja, a Helena Teodoro foi lá na década de 1980, a Dulce, que trouxe Hamilton Cardoso. Então, a gente começou a dialogar com o presente, com o passado, para aquela juventude que estava lá.

Então, para mim, a grandeza dessa história é que ela é contemporânea. Até eu, enquanto historiador, para mim a história não é passado. Eu sou resultado de um processo histórico. Então, para mim, a história é presente. E ali ficou muito mais presente, principalmente para aquela juventude que lá estava. Eu acho que foi uma aula de história dada naquele momento ali para todos nós.

10- Há um tensionamento entre Sudeste e região Norte, Nordeste, quanto a essa reivindicação de protagonismo, ou isso é apenas, às vezes, um discurso popular que se propaga?

ZeZito Araújo: Olha, eu acho que isso é muito também um discurso acadêmico. A academia tem muitos vícios, não é! As pessoas se fecham, achando que suas teses são as mais verdadeiras, e querem propagar, e às vezes querem que os segmentos sociais assumam esse discurso.

Porque quando o Movimento Negro senta e começa a discutir as nossas mazelas criadas pela branquitude – a gente tem que sair desse discurso achando que o problema

racial é nosso. Não, o problema racial eles criaram para a gente. Nós percebemos que não está em disputa o protagonismo região Norte e Nordeste contra a região Sul e Sudeste, pelo contrário. Nós temos uma história única, que é a história de resistência contra a escravidão, é uma história única. Nós temos também uma história única, que é o combate e a luta antirracista. Agora, só que essa história é vista de forma diferenciada, depende do contexto de cada um. É isso que às vezes as pessoas não entendem, pensam que nós estamos em conflito. Eu não vejo nenhum conflito.

Eu vejo que tem métodos, tem falas diferentes. Porque quando nós falamos do Quilombo dos Palmares, é tanto que, veja, a ideia de celebrar o 20 de novembro foi lá no Rio Grande do Sul, criado pelo nosso companheiro Oliveira Silveira e se concretizou aqui na Serra da Barriga, quando há a peregrinação. Então, eu não vejo nenhuma divergência nesse sentido.

11- Professor, todavia há uma questão de potencialidade, quando nós percebemos, por exemplo, a importância que o senhor tem dentro da história, para pensar essas questões afro-brasileiras, e aí uma pergunta quase como uma provocação, o senhor acredita que talvez, se o senhor tivesse nascido no eixo Rio São Paulo e crescido nesse aspecto de formação e de produção intelectual nessas regiões, o senhor seria mais celebrado?

Zeito Araújo: Não. Sabe por quê? Eu estudei, eu comecei o meu mestrado lá na USP, e eu percebi como os negros e as negras são tratados na USP. E nós temos negros e negras iguais a mim lá. E a sua história, eu digo, a sua história deles lá, a academia não permite que eles tenham essa visibilidade.

O professor Clóvis Moura morava em São Paulo, mas ele tinha muita mais visibilidade fora daquele eixo. Eu acho que essa visibilidade eu tenho aqui só no nosso estado, talvez na nossa região, dada essa conjuntura histórica, porque eu sou um dos poucos negros da nossa região que eu tive acesso à universidade e que eu, pelos meus

inquiçoes e pela minha espiritualidade, eu fui encaminhado para fazer esse trabalho. Então, eu acho que isso só pode ter acontecido aqui.

E foi isso a vontade da espiritualidade do grupo ao qual eu pertenço, que são os ambundos. Entendeu? Então, se eu estivesse, eu tenho certeza, se eu estivesse lá, como tantos negros e negras, eu não teria talvez essa dimensão e esse espaço que eu tenho aqui na Lagoas.

12- Os Neabis estão se espalhando pelo Brasil, grupos correlatos, como o GEPAFRO, também têm surgido e acolhido uma infinidade de jovens. Como o senhor faz uma leitura desses movimentos, desses núcleos, desses grupos? Há esperança? O senhor percebe uma potencialidade, uma vontade? Como o senhor faz essa leitura?

ZeZito Araújo: Primeiro, eu quero, para essa pergunta que você faz, retomar um pouco da primeira, da minha projeção. A minha projeção se deu porque eu fui o diretor negro do primeiro Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Brasil.

Foi da Universidade Federal de Lagoas, em 1983. Então, isso me ajudou bastante, quer além de eu ser um professor universitário, eu fui dirigente de um núcleo que tratava especificamente da questão negra, por isso que eu fiz todo o processo para o tombamento na liderança, enquanto pesquisador do tombamento da Serra da Barriga. Então, o que me projetou mais foi a instituição. Então, completando um pouco isso que você me perguntou. E já respondendo essa sua pergunta, eu acredito sim muito nesses núcleos.

E eu acredito por vários motivos. Pela minha experiência, eu fui gestor do núcleo de estudos afro-brasileiros por quase 18 anos. E, enquanto eu fui gestor, Túlio, eu era um gestor único. Eu não tinha essa juventude que nós temos agora, com essa vontade, essa juventude universitária, assumindo a sua identidade étnico-cultural. Na minha época, os estudantes eram poucos estudantes negros e negras na universidade. E poucos professores, eu digo aqui na nossa universidade, na UFAL. Então, eu fazia um trabalho

muito isolado. Por exemplo, eu trabalhava muito mais com os estudantes do Ensino Básico.

A universidade dava uma bolsa, porque eu fui morar em União dos Palmares, eu morei três anos lá. E lá não tinha universidade, não tinha campus, não tinha nada. Então, eu fui forçado a trabalhar com os estudantes. E deu uma dinâmica. Então, isso que eu estou vendo, essa juventude agora, eu lembro muito bem da década de 1980, quando eu morei lá e trabalhava com os estudantes do Ensino Básico, lá de União dos Palmares. Então, eu acredito muito nessa juventude. Não é por ser jovem, não, só. É porque essa juventude tem bases teóricas, metodológicas dessas discussões para perceber a grandeza e a riqueza que foi o continente africano e como isso se dá na diáspora.

Então, eu acredito muito que isso vai facilitar, não só o trabalho de pesquisa. Aquilo que eu falei, eu fui sempre um militante na academia. Então, o que eu quero dizer com isso? O militante na academia, você leva a militância para a academia e traz a academia para a militância. Então, essa juventude está fazendo isso. Ela tem o aprendizado básico, teórico-metodológico da academia, mas ela é do povo. Ela está ressignificando esses conhecimentos com o povo.

Aí você me pergunta, Zezito, como é que você percebe isso? Percebo na estética. Eu percebo na organização que eles estão criando, enquanto empresários, enquanto os movimentos sociais dos bairros. E são movimentos sociais com características negras mesmo. Essa juventude está fazendo isso, pelo menos na nossa cidade.

E eu percebi, agora, nesse nosso encontro, esse tipo de organização, que há anos nós não percebíamos isso, porque eram movimentos muito mais voltados para o NEAB, para que esses estudantes pudessem estudar e pesquisar para se realimentar. Mas esses meninos estão nos NEABS, NEABIS, e voltando para suas comunidades de base. Eu acredito muito em transformações sociais que estão acontecendo, e a academia nem se fala, principalmente com o sistema de cotas que está levando essa nossa juventude para as universidades.

13- Professor, eu quero agradecer imensamente a sua colaboração para conosco. É muito gratificante poder ouvir, aprender, porque aprender é muito mais importante, e principalmente com aqueles que vieram antes de nós. E aí eu deixo o espaço aberto, seja para o senhor mandar um recadinho para o GEPAFRO, ou para todas as pessoas que tiverem acesso a esse vídeo.

Zeze Araújo: Olha, eu peço a todos e a todas que persigam esse trabalho que vocês fazem, enquanto jovens, e dialogando com as experiências dos domas, dos griots, nos seus espaços, porque a transformação da sociedade brasileira ela se dará por vocês, jovens, com essa perspectiva, com um olhar, não um olhar racializado, sabe? Eu acho que com um olhar da nossa negritude, para que possamos transformar essa sociedade e tornar uma sociedade de oportunidade a todos, negros e negras, combatendo acima de tudo o racismo e denunciando o privilégio da branquitude.

O autor

Túlio Henrique Pereira

Universidade Regional do Cariri – URCA